



ALÉM DOS

TEXTO E FOTOS
GRAZIELA TRAJANO



RITUAIS

Mais do que de simbolismos e ritos, uma missa depende da dedicação de algumas pessoas



“**I**de em paz, e o Senhor vos acompanhe.” Pouco a pouco os bancos vão sendo desocupados. Na saída, pessoas se cumprimentam afetuosamente. A igreja lentamente se esvazia. A missa acabou, mas o trabalho está recém começando. Atrás do altar muitas pessoas colaboram para que a missa aconteça. A grande maioria é de voluntários que se doam à igreja num ato de fé.

O termo “missa” vem do latim *mitere*, significa enviar, re- meter, e tem o sentido de missão. Com aproximadamente uma hora de duração, a missa é um ato solene em que os católicos celebram o sacrifício de Jesus Cristo na cruz, recordando a Última Ceia.

Adelhardt Nelson Mueller tem 77 anos e há mais de 40 ajuda no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, construído entre os anos de 1958 e 1968, nas imediações do cemitério particular dos jesuítas, na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. O Santuário abriga o túmulo do Padre Reus, falecido em 1947 e que, por causa dos milagres que lhe são atribuídos em vida, ganhou fama de santo. O pedido de sua beatificação foi enviado ao Vaticano em 1958 e ainda está em andamento.

“Adelardo”, como é conhecido, foi professor de Português por 25 anos. Trabalhou como revisor das publicações da Unisinos e corrigiu toda a biografia do Padre Reus, dividida em cinco volumes. Começou a atuar como ministro em 1986 junto com a esposa, Sidola. Hoje, além de ministro, é liturgista e coordenador das equipes de liturgia da igreja. São 21 equipes e 33 ministros, totalizando quase cem pessoas que trabalham voluntariamente nas missas.

A igreja é do povo

São sete e meia de uma fria manhã de outono. Pessoas chegam munidas de disposição e força de vontade. A igreja precisa estar impecável para receber os fiéis, e isso implica, além da limpeza, a decoração do local.

Diva Rigo Gazzola tem 55 anos e é funcionária do Santuário há cinco. Ela é responsável pela limpeza e também ministra e sacristã. Repõe todos os dias a água benta das vasilhas dispostas na igreja.

Já Maria Lúcia de Oliveira Kreutz, 62 anos, é voluntária e ajuda no santuário há 14. Faz parte da liturgia com o marido, Lúcio Kreutz, e também da equipe de ornamentação. Essa



PÃO E VINHO

Redonda, branca, com aproximadamente 3cm de diâmetro. A hóstia é um pão, feito com água e farinha de trigo, sem adição de fermento ou sal. É produzida em muitas localidades de forma artesanal, embora já existam máquinas para facilitar o processo. No Santuário Coração de Jesus, as hóstias utilizadas são fabricadas pelas irmãs do Carmelo Nosso Senhor dos Passos, de São Leopoldo. Antes de serem consagradas, as hóstias são armazenadas num recipiente chamado Cibório. Após, são guardadas no Sacrário.

A consagração das hóstias se dá pelo padre, que representa Jesus na

transubstanciação. Esse termo significa a mudança da substância do pão e do vinho na substância do corpo e do sangue de Cristo. A transubstanciação é adotada pelas Igrejas Católica, Ortodoxa e Anglicana.

“Do mesmo modo, ao fim da ceia, ele tomou o cálice em suas mãos, deu graças novamente, e deu a seus discípulos, dizendo: tomai todos e bebei: este é o cálice do meu sangue...” A conhecida passagem bíblica faz alusão ao vinho e sua significação como sangue de Cristo.

O vinho canônico em sua maioria é licoroso e tem alto teor alcoólico. É feito especialmente para a missa, mas pode

ser degustado como aperitivo, acompanhando doces, compotas, tortas. Fabricado por diversas vinícolas, custa cerca de R\$ 12,00 a garrafa de 750ml.

Antes de ser usado, o vinho é depositado numa galheta, bem como a água. Durante a celebração eles serão misturados. A pequena parte de água representa a humanidade que se mistura à maior parte, o vinho, que representa Jesus. Durante a missa a água também servirá para limpar as mãos do sacerdote e para a limpeza do cálice e âmbulas (recipiente com tampa contendo hóstias). O paninho que purifica o cálice é chamado de sanguinho.

Há mais de 40 anos, Adelhardt é voluntário no Santuário Padre Reus, onde coordena a equipe de liturgia, da qual Maria Lúcia também faz parte



equipe troca os cartazes dispostos pela igreja uma vez por mês e é orientada pelo padre Salet. É um trabalho singelo, mas que Maria Lúcia faz com seriedade e muita fé. "Nós acreditamos que esta é uma pastoral silenciosa", diz.

Nilva Silveira Pacheco, 66 anos, é a coordenadora da equipe de ornamentação. Trabalha no Santuário voluntariamente e vai à missa todos os dias. "É mais fácil me encontrar aqui do que na minha casa", afirma sorridente.

Sempre trabalhou na igreja. Com 12 anos já atuava como catequista e por 36 anos lecionou Religião. Reza o terço junto ao túmulo do Padre Reus às 13h30min de domingo e às 14h de sábado. Também é ministra e faz comentários na missa.

De gestos calmos e voz mansa, Jadilson Mesquita Bujes, 43 anos, é colaborador do Santuário desde 2003: "Se fosse para ser contratado, eu não aceitaria. Eu quis ser voluntário, sem nada em troca. Acho mais interessante servir a Deus desta forma."

A função dele é operar o som, fazer a montagem dos microfones, cuidar do que vai ser lido, carregar as baterias dos microfones sem fio, acender as velas, dar o sinal para o início da missa e, caso falte alguém para as leituras ou cantos, ele também "entra em campo". É o reserva, como diz.

A missa das 8h de domingo é transmitida pela rádio Progresso AM. Como às 9h em ponto a rádio para a trans-

missão, ele precisa ficar atento para que a missa não acabe antes ou depois do horário.

Organização

Atrás da igreja, numa sala envidraçada onde lê-se na entrada "Secretaria", duas jovens, Lucinéia e Fabiane, se revezam para cobrir o expediente do Santuário Coração de Jesus. A paranaense de Foz do Iguaçu Lucinéia Maria Pelissari tem 27 anos e trabalha na igreja há pouco mais de cinco. Veio para o Rio Grande do Sul em 1996, convidada por sua tia, que mora em São Leopoldo. Em 98, depois de aprender a tocar violão, começou a animar as missas. O padre Hugo Berch, reitor do Santuário na época, foi quem a convidou a trabalhar na secretaria. Lucinéia lembra que ele permitiu que ela passasse uma semana com a família em Foz antes de começar a trabalhar.

Formada em pedagogia empresarial há um ano, seu trabalho é anotar as intenções de missa, atender ao telefone e dar informações. Também registra os eventos que ocorrem, faz banners, cartazes e folders. Além disso, participa de uma equipe em que toca violão e canta nas missas. Lucinéia explica que o Santuário se mantém apenas com doações. As pessoas que pedem intenções de missa colaboram com o que podem, é espontâneo. Todo dinheiro que entra é anotado. No final do dia ela soma e entrega o valor para o atual



reitor, padre Hugo Mentgs. Só a secretaria recebe cerca de R\$ 100,00 por dia, fora as coletas das missas. Esse dinheiro é muito importante porque é com ele que são pagos os salários dos cinco funcionários, além das despesas como telefone, Internet, folhas de ofício.

Na cozinha

Avental, touca, sorriso largo e um bom humor contagiante. Assim se apresenta Miriam Regina Perotto, 43 anos, cozinheira contratada do Santuário há quatro. Trabalha de segunda a sábado. Folga às quartas e domingos. Seu serviço, além de cuidar da lavanderia, é produzir os almoços, cafés e lanches dos padres e irmãos residentes.

Miriam conta que precisa ter um certo cuidado com a comida que prepara por causa da idade avançada de alguns residentes. Por isso, não abusa do sal, procura não fazer alimentos muito gordurosos ou doces. Em compensação, prepara muitas saladas e verduras, que eles gostam muito. Porém, como todo mundo é filho de Deus, Miriam também faz arroz, feijão e macarronada.

Palavras decoradas, gestos repetidos, orações roteirizadas. Várias são as impressões de uma missa, embora muita gente não conheça o seu real significado. A Igreja Católica, assim como as de outras religiões, é cercada não só de simbolismos, mas também de pessoas dispostas a colaborar.

IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Com a pauta escolhida, sabia que haveria muitas fontes para entrevistar. Contudo, me surpreendi com a grande quantidade de pessoas que ajuda na igreja, e ainda mais de forma voluntária. Nos dias de hoje, em que temos cada vez menos tempo para nós, há muita gente que acha tempo para os outros. Acompanhei a rotina de pessoas que passam despercebidas aos olhos menos atentos, mas que são fundamentais para a organização da igreja e a realização da missa. Num domingo, assisti a duas celebrações e fiquei impressionada com o número de fiéis. E não eram só senhoras idosas. Havia também homens, jovens e crianças. Conversando com o Padre Afonso Korbes, 88 anos, descobri que muita gente ainda vai se confessar. Há confissões todos os dias no Santuário, e em datas como a Sexta-feira da Paixão precisam vir padres de outros lugares. Além das confissões, os padres também fazem aconselhamentos. Eu não tinha ideia de que tanta gente ainda procurava a igreja. Acredito que essa busca pela espiritualidade, independente de religiões ou crenças, seja saudável, caso contrário não teria recebido tantos sorrisos fáceis.